PARALISAÇÃO E MOVIMENTO(S): SENTIDOS DE GREVE NO BRASIL EM MAIO DE 2018

DIEGO HENRIQUE PEREIRA¹

Faceca - Faculdade Cenecista de Varginha
Rua Professor Felipe Tiago Gomes, Vila Bueno
37006020 - Varginha, MG - Brasil

diego@professordiegopereira.com.br

Resumo. *O funcionamento discursivo de alguns enunciados produzidos nas/pelas paralisações ocorridas em maio de 2018, no Brasil, significadas como ‘Greve dos caminhoneiros’, corpus deste trabalho, que toma como lugar de conhecimento a Análise de Discurso de viés Pechêuxiano e Orlandiano. Para tanto, o corpus deste artigo é constituído por três recortes, sendo o primeiro uma fotografia de uma faixa que circulava na internet na ocasião das manifestações, bem como duas imagens retiradas do site do governo do Brasil na mesma época. As análises que compõem este trabalho não buscam tecer um posicionamento em relação ao acontecido, muito menos cristalizar sentidos relacionados às manifestações, pelo contrário, examina os possíveis sentidos de greve nas condições de produção das manifestações ocorridas no Brasil, em maio de 2018. Logo, inquieto-me e tomo como objetivo a seguinte questão: de que forma a paralisação se inscreve como movimento? Deslocamentos e deslizamentos são percebidos a partir do vocábulo greve – como manifestação, paralisação, movimento – que não por acaso produzem diferentes sentidos.*

Palavras-chave: greve; paralisação; greve dos caminhoneiros; Análise de Discurso.

Résumé. *Le fonctionnement discursif de certaines déclarations produites dans / par les arrêts survenus en mai 2018, au Brésil, signifiait “Truckers Strike”, corpus de ce travail, qui prend l'analyse du discours de Pechêuxiano et Orlandiano comme lieu de connaissance. Par conséquent, le corpus de cet article se compose de trois coupures de presse, la première étant une photographie d'une bannière qui a circulé sur Internet au moment des manifestations, ainsi que deux images prises sur le site Web du gouvernement brésilien en même temps. Les analyses qui composent ce travail ne cherchent pas à établir une position par rapport à ce qui s'est passé, encore moins à cristalliser les significations liées aux manifestations, au contraire, il examine les significations possibles des grèves dans les conditions de production des manifestations qui ont eu lieu au Brésil, en mai 2018. Je m'inquiète et je prends comme objectif la question suivante: comment s'inscrit la paralysie comme mouvement? Les déplacements et les glissements de*

¹ Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí. Docente na Faculdade CNEC Varginha – FACECA.

terrain sont perçus à partir du mot grève - comme manifestation, paralysie, mouvement - qui ne se produisent pas par hasard pour produire des significations différentes.

Mots-clés: *grève; arrêt; grève des camionneurs; Analyse du discours.*

[...] como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa [...].
(Chico Buarque)

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Discursividades são produzidas na relação entre o Brasil e a crise, principalmente as que concernem a recessão econômica enfrentada pelo país. Pensar a crise econômica e política brasileira enquanto discurso não é abarcar sentidos estáticos do momento atual da nação, mas buscar compreender o que constitui tanto essa nação, quanto o que se significa como crise.

Problematizamos este trabalho a partir da pergunta de pesquisa: nas condições de produção da “Greve dos Caminhoneiros”, a paralisação se reescreve como um movimento? Para compreender esta pergunta, tomamos então a corrente teórica da Análise de Discurso Francesa de linha pecheutiana, que tem a exterioridade como ponto de constituição, formulação e circulação dos dizeres; ou seja, enquanto analistas de discurso não nos preocupamos na estabilização dos dizeres, mas sim, em seu movimento de sentidos, na produção de evidências, inclusive as que não são ditas. É perceber que o dizer é constituído pela/por memória discursiva que retoma, mesmo sem saber, uma rede de dizeres que foram enunciados antes, em algum lugar, independentemente (PÊCHEUX, 2014, p. 52).

Depois de constituídos – os discursos – e lembramos (que é da ordem do inconsciente, por isso atemporal), os dizeres são formulados – essencialmente ditos – tomados pelos esquecimentos; ou seja, aquele que diz imagina que é a fonte/origem daquele dizer, assim produzindo sentidos de ineditismo (esquecimento número 1), ao mesmo tempo que também é tomado por um dizer que apaga as outras possibilidades de dizer de outra forma (esquecimento número 2) (ORLANDI, 2015, p. 32).

Pensar a discursividade de “greve” pela circulação dos sentidos é compreender que os dizeres movimentam-se em diferentes materialidades significantes, utilizam de mídias, vozes, sujeitos para serem disseminados ao mesmo tempo em que são produzidos e significados. Formações imaginárias distintas e ao mesmo tempo pareadas funcionam na circulação dos discursos, em que os sujeitos – ‘falo em posição-sujeito’ – antecipam tanto o seu lugar, quanto o lugar do outro no discurso, ou seja, falar do lugar do caminhoneiro produz sentidos diferentes do que falar do lugar do governo.

Para tanto, este trabalho foi escrito no auge do movimento dos caminhoneiros, que também foi/é significado como “Greve dos Caminhoneiros” – ‘movimento’ e ‘greve >> paralização’; movimento discursivo que nos interessa como pesquisados deste campo teórico, o da Análise de Discurso. Cabe-nos analisar produção de sentidos que funcionam na discursividade sobre/desse movimento, bem como os modos de constituição, formulação e circulação dos dizeres relacionados à greve.

GREVE – EFEITOS DE SENTIDOS

O capitalismo é um sistema econômico que tem a crise como constitutiva do seu funcionamento, portanto não existe capitalismo sem crise, muito menos crise sem incômodo (BAUMAN, 2010, p. 72). Para tanto, compreender o Brasil pelo viés da crise, mobiliza o sítio de memória que funciona no/pelo incômodo da instabilidade, pela incerteza do porvir – que também é constitutivo da condição humana –, mas dissimulada pela condição da crise.

Sentidos de “caos” são produzidos na conjuntura atual do Brasil, cuja a mediação tem papel (inclusive, o “papel” é da ordem do imaginário) de publicizar (CARROZZA, 2011) o caos na educação, na saúde pública, na segurança, na economia, na empregabilidade; enfim, sentidos de desordem afetam a maneira de significar tanto a nação, quanto a crise, discursividade que tem produzido efeitos de evidência em como o Brasil é significado hoje.

Na história não só do Brasil a greve é um ato constitucional e legítimo do trabalhador (nem sempre foi assim) que, quando insatisfeito ou ludibriado permite-se reivindicar seus direitos, imaginando-se na posição daquele que cumpre seus deveres; assim o Estado forçosamente passa a significá-lo como cidadão – ou seja, como povo sujeito de direito e de deveres.

O povo, enquanto ludibriado pelo Estado (que nega ou retoma direitos) ou pelos governantes (que enganam, mentem, produzem dívidas em nome do POVO, causam desemprego em massa, atentam contra a segurança, prometem sem cumprir, apossam-se de seus símbolos [...] se mostram corruptos) é constituído em oposição ao conjunto de direitos. (MIOTELLO, 2006, p. 107)

Nessa relação de “regulação” de direitos e deveres, por ora uma das partes pode se sentir insatisfeita, produzindo significação na relação entre patrão e empregado, que já constitui um dizer que busca significar a posição de patrão e a posição de empregado, o primeiro (patrão) sendo o detentor do poder, aquele que paga o salário, que oferece oportunidade de emprego para o trabalhador. Sendo significado como o elo mais frágil da corrente – constituída pela detenção de poder aquisitivo/financeiro – o empregado num ato de submissão aceita as imposições colocadas pelo seu superior (patrão); porém funciona nessa conjuntura, inclusive a resistência, contrariedades produzindo sentidos mesmos que no silêncio, no gesto, no não fazer.

“Tudo isso faz com que no trabalho livre e (ao mesmo tempo) subordinado, os conflitos estejam sempre presentes, ainda que ocultos ou em potência. Assim, não se trata de mera

patologia – mas, como dizíamos, da própria anatomia do sistema [capitalista]” (VIANA, 2007, p. 244).

Para tanto, como diz Viana (2007), a liberdade do trabalho é dissimulada pela possibilidade de troca, de ir para outro emprego e buscar algo melhor; ilusão que é engendrada pelo sistema capitalista que discursiviza a liberdade de escolha como algo simples, como se a exterioridade não afetasse as relações sociais, e não diferente as relações de trabalho.

Se a greve está ligada na relação entre patrão e empregado (retorno da memória que a constitui), podemos pensar num irromper de significações de greve nas manifestações ocorridas em maio de 2018? Trago a hipótese do deslocamento da posição sujeito patrão para outros sítios de significação, uma vez que a greve não foi de uma instituição ou empresa específica, a greve produziu sentidos de “massa” – caminhoneiros que se fizeram povo a fim de “parar” o Brasil – cujos governantes ocupam a primazia financeira, inclusive, controlando e dando (des)caminho (mesmo que ilegais) para o dinheiro que é do povo.

Indursky (1995) articula em seu artigo intitulado “Que povo é esse” algumas descrições e categorizações (a partir de análises); algumas possíveis significações de povo, sendo 5 níveis propostos pela autora: POVO 1, POVO 2, POVO 3, POVO 4 e POVO 5; sendo o POVO 1 a classe média, classes produtoras, militares, revolucionários. O nível 2, ou seja, o POVO 2 são compostos pelas classes trabalhadoras, já a coletividade dos brasileiros é considerada POVO 3, e como POVO 4, propõe-se a sociedade civil organizada. Por fim, a massa de manobra política é significada como POVO 5.

Portanto, quando digo que os caminhoneiros se fizeram “povo”, associo este enunciado as diferentes significações de povo proposto por Indursky (1995), aquele constituído por trabalhadores, que juntos formam a coletividade brasileira. A partir desse funcionamento discursivo, o governo se faz patrão – como posição-sujeito – numa relação de poder. Percebemos em meio a “Greve dos Caminhoneiros” de 2018, o silenciamento da relação entre os caminhoneiros e as transportadoras, já que muitos caminhoneiros são celetistas (possuem “carteira assinada”) e seus respectivos patrões são os proprietários das transportadoras, deslizamento da posição-sujeito patrão do empresariado, para a governança pública. A categorização discutida por Indursky (1995) ao mesmo tempo que se envolve, cria fissuras sociais justamente pela categorização, cujas posições-sujeito se entrelaçam na significação dos caminhoneiros, pois ao mesmo modo que podem ser considerados classe trabalhadora, toma lugar de classe produtora e até mesmo massa de manobra política.

Retomando Viana (2007), a greve mobiliza sentidos de denúncia, de indignação dos trabalhadores em relação ao funcionamento empresarial, que para nossa conjuntura parece significar a insatisfação é dos trabalhadores pelo governo, ou até mesmo pela forma que o governo dirige seus trabalhos, que refletem diretamente nos aspectos financeiros dos trabalhadores; inclusive pensando que também funciona uma relação de comercial que entre o governo e as transportadoras, relação de trabalho indireta, pois quando se contratam serviços de transportes de empresas, automaticamente são mobilizadas relações trabalhistas; exemplo disso é a falta de combustíveis nos postos do

Brasil – vindos de refinarias públicas (do povo) – e que dependem das transportadoras e dos caminhoneiros (para atender ao povo).

[...] a greve é também um meio de conversa e de denúncia. Através dela, os trabalhadores contam à sociedade o que se passa entre as quatro paredes da empresa e revelam ao empregador o grau de sua indignação. Em troca, recebem desses interlocutores – através de suas próprias falas – palavras ou gestos de apoio ou indiferença, revolta ou retaliação. (VIANA, 2007, p. 249)

Em nosso percurso teórico, o da Análise de Discurso Francesa de corrente pecheutiana, os sentidos estão sempre em movimento, afinal não estão colados às palavras; mas sim constituídos numa relação com a exterioridade – os dizeres se imbricando e ao mesmo tempo produzindo efeitos de evidência – dissimulando assim a opacidade e trazendo a ilusão de que o dizer só poderia ter sido aquele, e de que os sujeitos ao dizerem são produzem o ineditismo – efeito de autoria e funcionamento dos esquecimentos (ORLANDI, 2015, p.23).

Significar greve hoje é ao mesmo tempo atualizar os dizeres sobre greve que vem sendo dito pela historicidade (interdiscurso), é possível compreender novos funcionamentos para o mesmo acontecimento – a greve –, produção do intradiscurso; dizer em formulação – o que é dito agora, da maneira que é dita, e interdiscurso – dizer em memória; outros dizeres que possibilitam significar o que é dito agora, pela memória que constitui o dizer. Indursky (2016) significa a memória discursiva também como memória social, ideologia funcionando pela e na produção da formação discursiva dominante.

Entendo a memória social como um conjunto de saberes regulados por Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER), filtrados e discursivizados por práticas inscritas na Formação Discursiva Dominante. Tais saberes apontam para o que o corpo social imaginariamente retém tanto de um passado remoto quanto de um passado mais recente. Entretanto, o sujeito do discurso não domina plenamente essa memória e a mobiliza pelo viés de uma memória fluida, atravessada pelo inconsciente, marcada pela vagueza e até mesmo pelo equívoco e pelo desconhecimento. (INDURSKY, 2016, p. 19)

No entanto, a interpretação das origens de greve no mundo retorna a todo instante ao que significamos como greve hoje no Brasil; ou seja, a memória social dita por Indursky (2016) produz efeitos de evidência no que tratamos como greve, discurso arraigado no protesto, na contestação, na insatisfação e na esperança de mudança.

Em Paris, nos velhos tempos, aconteceu certa vez que o Rio Sena – de tanto jogar para fora as coisas que não queria – acabou construindo uma praça. Essa praça foi batizada com o nome de *Grève* – palavra que significa “terreno plano e unido, coberto de graveto e de areia, ao longo do mar ou de um curso de água”. Na I Revolução Industrial, era ali que os trabalhadores se reuniam para contar suas lorotas, xingar os patrões, esperar pelos gatos ou praticar suas greves. Assim, com o passar do tempo, estar em (=na praça de) *Grève* passou a significar estar em (=fazendo) greve. (VIANA, 2007, p. 246)

Neste trabalho, não nos importa somente a etimologia do sintagma “greve”, mas como a memória retoma os sentidos de greve naquilo que foi significado em sua origem, reivindicação sendo discursivizada de um outro modo, rompendo os muros das empresas e indo à praça, mais tarde denominada de *Grève*. O lugar sendo significado pela prática, o “estar na praça de *Grève*” desloca para o “fazer *Grève*” – insatisfações sendo discursivizadas à margem do Rio Sena, numa praça constituída pela rejeição daquilo que o rio não desprezava, mais tarde ocupada por trabalhadores com o mesmo sentimento e indignação.

Vale a pena observar neste trabalho a relação do que é, ou está na margem para os caminhoneiros – classe profissional significada pela e na margem, profissionais que deixam os “centros urbanos” para trafegar em “marginais” (na/ à margem); trocam o conforto de uma casa para viver na cabine de seu caminhão à beira de rodovias (na/ à margem) e até mesmo no tráfego rodoviário precisam ocupar a pista da direita, àquela que fica à beira (na/ à margem).

Na língua inglesa a palavra greve é traduzida para *strike*. Vejo aqui a significação a partir dos sentidos de golpe, cujo contrato de trabalho é “derrubado”, “golpeado”, pois coloca a prova o dever do empregado em cumprir sem questionamentos o que lhe é imposto pelo contrato de trabalho, materializado pela figura do patrão.

Em Inglês, greve é *strike* – que se traduz pelo substantivo “ataque” e pelos verbos “golpear”, “bater”, “chocar-se”. Em Espanhol, é *huelga* – que entre outras coisas significa “folga, férias, descanso, folguedo”; e tem a mesma raiz de *huelgo*, que se traduz por “fôlego, alento”. Em Italiano, greve é *sciopero* – que tem o mesmo prefixo de *sciolto*, “livre de ligações, de vínculos”. (VIANA, 2007, p. 246)

Como *huelga* – do espanhol – a greve produz sentidos de fôlego, sinal de resistência, de parar, esperar, respirar para continuar. O trabalhador num ato de resistência parte para o “respiro”, o afastamento mesmo que momentâneo do poder que o coage, que impõe. Em formações discursivas convergentes, a greve – *sciopero* – do italiano produz sentidos de liberdade ao trabalhador; liberdade esta, contraditória, pois ao mesmo tempo em que o trabalhador se coloca “fora” do regime contratual, não consegue escapar da opressão que o acomete.

Observamos então, a regularidade na constituição do que é significado como greve; o trabalhador busca libertar-se da opressão, (in)subordinar-se ao poder ao mesmo tempo que o traz uma nova filiação, de tomar o lugar do poder pelo viés da reivindicação, grito de uma liberdade velada, assistida tanto pelo patrão quanto pelo povo. “O povo expressa a sua voz em relação às questões que cercam o universo do trabalho e do trabalhador” (SARGENTINI, 2006, p. 79).

DO MOVIMENTO À ESTAGNAÇÃO: MOVIMENTOS PARAFRÁSTICOS E POLISSÊMICOS

O recorte da Figura 1 é material para uma análise discursiva calcada nos possíveis sentidos de greve, principalmente os produzidos na paralisação de maio de 2018.

Figura 1 – Greve dos caminhoneiros no portal Acre Notícias (Recorte 1).
Fonte: ACRE NOTÍCIAS, 2018.

Retirado do *site* de notícias acre.com.br, a fotografia foi publicada no dia 26 de maio de 2018, no quinto dia de greve dos caminhoneiros que começara dia 21 de maio do mesmo ano. Com o fundo desfocado, a imagem traz em primeiro plano uma faixa branca sendo segurada por duas pessoas, um homem do lado esquerdo da imagem, e do outro lado por conta do enquadramento consegue-se ver somente um dedo segurando a faixa.

De cor branca, e escrita em letras maiúsculas a faixa traz os seguintes dizeres: “GREVE! / SEM CAMINHÃO O BRASIL PARA / NÃO PODERMOS CONTINUAR / DIA 21/05/18 O BRASIL VAI PARAR / PARALIZAÇÃO TOTAL APOIE NOS!”. A palavra “GREVE” está escrita na cor vermelha e em modelagem diferente e maior que as demais no centro superior da faixa, produzindo sentidos de manifestação, memória produzida pelo discurso Comunista – bandeira vermelha da União Soviética (com a foice e o martelo, símbolo do movimento comunista) que desliza para a estrela vermelha de cinco pontas do partido dos trabalhadores no Brasil (PT²) – trabalhador (povo) sendo significado pela esquerda, pelo sangue derramado outrora em diferentes revoluções pelo mundo.

Os demais escritos da faixa estão em cor preta, e com modelagem remetendo ao manuscrito, com marcações na cor amarela nos enunciados “DIA 21/05/18” e “APOIE NOS!”. Compreende-se o funcionamento da faixa em meio à manifestação, que é de chamar atenção, atrair o olhar daquele que a fotografa, uma vez que a foto reproduz uma via com pista dupla, mas de mão única, que impossibilitaria aqueles que estão transitando por aquela via em seus carros lerem os dizeres, já que a faixa está posicionada de costas para o fluxo dos carros.

² “O PT é um dos partidos que representa a esquerda no Brasil, onde há uma formação ideológica própria da direita: povo = pobre, povo = peble” (ALMEIDA, 2006, p. 74).

Em segundo plano à esquerda da imagem, caminhões compõem à margem da rodovia – o acostamento, liberando o fluxo para que os veículos de passeio possam transitar. Pessoas estão posicionadas fora dos caminhões, ocupando o centro da pista (estes também de costas para a faixa) e acenando para os carros que estão em movimento do lado direito da fotografia.

Percebe-se então a tensão do “estar parado” e do “estar em movimento”, em que os caminhões estão parados (instrumento de trabalho dos caminhoneiros), porém as pessoas estão em movimento, inclusive acenando para os que estão com seu veículo em movimento. Tal imagem, instiga-nos a pensar na recorrência e o retorno dos sentidos de greve nas indústrias, cujos equipamentos/maquinários (aparatos) são desligados como sinal de resistência, de insatisfação dos trabalhadores.

Os sentidos possíveis dessa paralisação produzem efeitos sobre os próprios meios de produção (os caminhões), ainda que tenham que “parar” para “seguir”, metáfora produzida pela desativação do poder do empregador – mesmo que temporariamente – é deslocada para a “mão” do trabalhador.

Passemos então para a análise dos dizeres: “SEM CAMINHÃO O BRASIL PARA”, a partir das condições de produção em meio a um cenário econômico defasado, taxa de desemprego nas alturas, Produto Interno Bruto (PIB) com queda significativa, desvalorização da moeda, investigações e escândalos políticos relacionados às constatações de corrupção no país, e o ponto de irrupção da greve: o aumento constante no preço do combustível³, principalmente o diesel.

Segundo a Confederação Nacional do Transporte (CNT, 2018) a maior parte da matriz do transporte de cargas do Brasil, cerca de 60%, concentra-se no modal rodoviário. Entretanto, a paralisação dos caminhoneiros representa impactos significantes na distribuição de mercadorias em todo o Brasil, afetando até mesmo os âmbitos da exportação.

Por alguns poucos dias, o modal rodoviário foi responsável por parar uma nação inteira e promover uma revolução logística de imensurável impacto econômico. Economistas cogitam mais de R\$ 10 bilhões de reais em rombos. Todo este cenário poderia ter sido outro se efetivadas as possibilidades de infraestrutura para um transporte mais rápido e barato no país, como é o caso do modal ferroviário (CALEGARI, 2018).

Todo o acontecimento serviu para mostrar que o país continua na dependência dos caminhões (do modal rodoviário) para transportar sua economia e que esta dependência ainda vai acontecer por muitos anos, até o governo tomar providências para uma rede ferroviária que desempenhe seu verdadeiro papel e ocupe seu verdadeiro lugar relevante

³ Este é o 11º aumento do preço da gasolina nos últimos dezessete dias. A exceção ocorreu entre os dias 12 e 15 deste mês, quando a estatal interrompeu a sequência de altas ao manter o preço da gasolina em R\$ 1,9330, e entre os dias 19 e 21 quando os preços passaram para R\$ 2,0680. Ao longo do mês de maio, o preço da gasolina subiu 16,07%. O produto iniciou o mês custando R\$ 2,0877 na porta das refinarias, sem a incidência de impostos, e passará a valer a partir da meia-noite de hoje R\$ 2,0867, contra os R\$ 2,0680 que vigora desde o último aumento, no sábado passado (19). Já o óleo diesel, que aumentará 0,97%, acumula alta de 12,3% desde o dia 1º de maio. Com o último aumento, o preço do produto passará de R\$ 2,3488 – preço que passou a valer também no último sábado – para R\$ 2,3716. É o sétimo aumento consecutivo do produto (JORNAL ESTADO DE MINAS, 2018).

na economia, como acontece em outros países. A paralização dos caminhoneiros evidenciou um quadro de um país refém de um único modal (GOY, 2018).

Apesar do transporte rodoviário ser caracterizado por custos elevados, causando grandes prejuízos logísticos, é hoje a forma de transportar cargas mais utilizada no Brasil. De toda a malha rodoviária, somente 13% das rodovias são adequadamente pavimentadas. Este índice representa um grande atraso de desenvolvimento e tecnologia dos transportes, se comparado a demais potências mundiais (COLOMBAROLLI, 2016).

O sujeito-caminhoneiro é constituído ao dizer que “SEM CAMINHÃO O BRASIL PARA”, resistência produzida pela possibilidade da falta; caminhões parados passam a produzir ao mesmo tempo que sentidos de inércia, sentidos de movimento, este representado pela esperança de mudança em relação a políticas de preço relacionadas ao diesel.

Num movimento parafrástico, desloco o enunciado “SEM CAMINHÃO O BRASIL PARA”, para “SEM COMBUSTÍVEL O BRASIL PARA” – mantendo assim a preposição “sem” indicando a falta, a abstinência, agora não mais do “caminhão”, mas do “combustível” que faz mover não só o caminhão, mas o mercado, a distribuição da produção – traços fortes do capitalismo. O “combustível” na paráfrase acima, significa além do líquido industrializado pelas refinarias a fim de fazer mover os veículos automotivos; deriva-se para a função do mover, dar ânimo, movimentar a economia brasileira, já prejudicada pela crise econômica, política e social que enfrentamos.

Produzo então, um outro deslocamento das paráfrases trazidas:

“SEM CAMINHÃO O BRASIL PARA”

“SEM COMBUSTÍVEL O BRASIL PARA”

“SEM DIESEL OS CAMINHÕES PARAM, LOGO O BRASIL PARA”

O movimento parafrástico produz sentidos outros, dessa vez legitimando a luta dos caminhoneiros pela revisão e redução no preço do diesel, uma vez que o produto é essencial para manutenção da atividade profissional; ou seja, se os caminhoneiros deixarem de transportar combustíveis, os mesmos (combustíveis) não chegarão aos postos, logo, tanto a classe de caminhoneiros quanto a sociedade em geral (o povo), terão dificuldades de se locomoverem, impactando diretamente na economia e na produção de riqueza e desenvolvimento de um país; portanto “SEM DIESEL OS CAMINHÕES PARAM, LOGO O BRASIL PARA”.

Seriam então os caminhoneiros uma espécie de combustível, ânimo para os processos econômicos brasileiros? Aqueles que estavam como coadjuvantes – na/à margem – agora ocupam um lugar de poder, a ponto de paralisar o país? As respostas não estão entre as funções da Análise de Discurso, mas sim a compreensão desses funcionamentos.

A formulação “NÃO PODEMOS CONTINUAR” vem logo abaixo da formulação “SEM CAMINHÃO O BRASIL PARA”, produzindo assim um efeito de continuidade textual. Sintaticamente, podemos identificar o sujeito desinencial oculto “nós”, pois na formulação “NÃO PODEMOS CONTINUAR”, a palavra “PODEMOS” antecedida da palavra “NÃO” – adjunto adverbial de negação –, é conjugada no presente (verbo poder),

na terceira pessoa do plural (Nós). Todavia, o sujeito oculto “nós” produz sentidos de unidade de classe profissional – nós caminhoneiros –, ou/e o sentido de patriotismo – nós povo brasileiro.

Subentende-se que o verbo continuar seja transitivo direto, pois quem continua, continua algo. Para tanto, dizer que não se pode continuar, nas condições de produção mencionadas acima – do Brasil em crise –, sentidos de revolta são produzidos, ou melhor, os caminhoneiros parecem convocar o povo para a não convivência com a situação do país, principalmente com o aumento brusco do combustível. Continuar a rodar pelas estradas brasileiras, pagando o preço de escândalos políticos de corrupção refletido nas bombas de combustíveis, seria fingir que nada está acontecendo, sendo cúmplices da destruição econômica de uma nação?

Subsequentemente a frase, “DIA 21/05/18 O BRASIL VAI PARAR”, apela para sentidos relacionados ao informacional, e ao mesmo tempo o convocatório, pois ao estabelecer uma data (21/05/18), o movimento dos caminhoneiros produz vestígios de uma organização interna da classe, a ponto de estabelecer uma data e convocar o “povo” para tal causa (a paralisação). Percebe-se então que mesmo sendo veiculado no dia 26 de maio, no portal Acre Notícias, a fotografia foi registrada antes dessa data, pois a faixa não diz que o Brasil parou, mas sim que o Brasil vai parar (conjugação no futuro).

Na convocação do “povo” para tal causa (a paralisação), como destaca Orlandi (2006), o povo pode ser considerado não “como conjunto de indivíduos, mas como uma quantidade concentrada de sujeitos sociais históricos e simbólicos em suas relações” (p. 10), seus vínculos como uma “projeção do futuro (social, histórica)” (p. 29).

Abaixo dos dizeres, “DIA 21/05/18 O BRASIL VAI PARAR”, a frase, “PARALIZAÇÃO TOTAL APÓIE NOS!”, chama-me atenção por dois motivos, o primeiro por trazer a expressão “PARALIZAÇÃO TOTAL”, a segunda por fazer circular o enunciado “APÓIE NOS!”.

A palavra “GREVE” desliza para “PARALIZAÇÃO”, que mesmo com a grafia errada – pois não se escreve com “z” mas sim com “s” (paralisação) – produz sentidos de interrupção de uma tarefa ou atividade (MICHAELIS, 2018). Podemos compreender que o “s” sendo trocado por “z” (não uma troca consciente, mas equívoco) constitui um sujeito-caminhoneiro livre de preocupações ortográficas, mas sim imergido na possibilidade de “passar a mensagem” e produzir sentidos.

O sintagma “TOTAL” na frase “PARALIZAÇÃO TOTAL APÓIE NOS!” produz antecipação em relação à adesão à paralisação; ou seja, o sujeito-caminhoneiro produzido no enunciado conta tanto com a participação dos demais caminhoneiros e até mesmo do povo à paralisação, que antecipa que será “TOTAL”. O povo é visto, desta feita, como “um conjunto de pessoas que têm o mesmo costume e interesses semelhantes” (ALMEIDA, 2006, p. 65).

De acordo com Lopes (2018), esta não foi a primeira greve dos caminhoneiros na historicidade a impactar a economia do país e a evidenciar a demanda pela ampliação do uso do transporte ferroviário. Há 39 anos atrás (em agosto de 1979), a Revista Veja retratou um resumo de uma situação que deixou os brasileiros desnorteados com a

paralisação de caminhoneiros que transportavam combustíveis e produtos (Figura 2, não funcionando como recorte, mas fazendo parte da memória discursiva).

O estado mais atingido foi Minas Gerais e o cenário foi Belo Horizonte. Dezenas de caminhões concentraram em um movimento para uma paralisação na porta da Refinaria Gabriel Passos e estacionaram na Rodovia Fernão Dias. Mais de 800 caminhoneiros protestavam contra o abusivo aumento dos fretes graças ao abusivo aumento do diesel. Também naquela ocasião o governo foi colocado contra a parede. A notícia da paralisação rapidamente esse espalhou, e como em maio de 2018, também naquela época a população – o povo – se viu forçada a fazer fila nos postos de gasolina e a estocar produtos em suas casas e, forçosamente, aderirem ao movimento de paralisação. Segundo Orlandi (2006, p. 9-10), “o povo pode ser relacionado a qualquer aglomeração urbana [...] a uma quantidade concentrada de sujeitos sociais históricos e simbólicos em suas relações”.

DAS POSIÇÕES E (O)POSIÇÕES

Neste ponto do trabalho, dedico-me a analisar mais recortes, agora do *site* do Governo do Brasil (BRASIL, 2018), observado durante a semana de “manifestações”, especificamente dia 28 de maio de 2018.

No primeiro recorte (Figura 3), na página principal do *site*, junto à imagem de uma mulher negra, algumas palavras são colocadas em circulação na parte inferior, como Emprego, Caminhoneiros, PIB e Brasil eficiente – digo que essas palavras estão distribuídas nessa ordem e com a possibilidade de acesso; ou seja, clicar no “botão” e abrir uma nova janela que trata do tema proposto pela “palavra-chave”. Acessando em outras datas o *site* do governo, percebi que estas “palavras-chave/botões” são trocadas de acordo com os assuntos em “alta” ou ao menos que o governo imagina ser assuntos que precisam ser tratados/midiatizados em seu *site*.

Figura 2 – Portal Governo do Brasil (Recorte 2). Fonte: BRASIL, 2018.

O “botão” Caminhoneiros não por acaso encontrava-se ativado no *site* do governo, muito menos passava despercebido, afinal o efeito de evidência de urgência em relação à questão, mostra de alguma forma a inquietação do governo – digo inquietação justamente para não dizer preocupação – pois a memória relacionada à preocupação apela à solidariedade, sentimento/ação que não podemos assegurar nas condições atuais da economia brasileira. A mulher negra instalada nessa montagem midiática traz consigo uma fita métrica pendurada nos ombros e um tecido nas mãos, representação de um trabalhador em exercício, no movimento do seu ofício.

O lado inferior direito da página inicial mostrada pelo Recorte 2 (Figura 2) motivou um novo recorte (Figura 3), com letras menores que as demais na cor branca que dizem: #AVANÇAMOS (letras maiúsculas), e na linha abaixo em itálico e com letras minúsculas a seguinte formulação: “No fundo, você sabe que melhorou”.

Figura 3 – Portal Governo do Brasil (Recorte 3).
Fonte: BRASIL, 2018.

A posição-sujeito político de direita é produzida nesse enunciado nas condições de produção políticas e sociais vividas pelo Brasil em 2018, desde o *impeachment* presidencial de 2017, em que a esquerda sai do poder e dá lugar à direita. O discurso do avanço reverbera o discurso neoliberalista do crescimento econômico-empresarial, no qual avançar é o principal elemento para o país (em instâncias econômicas).

A expressão “No fundo” produz equivocidade em relação ao avanço relatado pelo governo, pois se realmente o povo avançar avançamos, não há necessidade da abertura à reflexão do que está no “fundo”.

O verbo avançar está conjugado no presente do modo indicativo, produzindo então sentidos de mudança, pois quando se avança é por que algo antes era retrógrado? Outro sentido também é colocado em funcionamento, afinal quem ou o que avança, avança em relação a um ponto de partida, relação do passado, presente e futuro. A *hashtag* (#) torna-se também um objeto importante de análise, por representar uma coletividade individual, ou seja, ao utilizar o *hashtag* (#), o sujeito torna-se membro de um grupo social que comunga uma mesma ideia, neste caso, o avanço. Logo questiono se o sujeito-povo brasileiro concorda com a formulação #AVANÇAMOS, ou aí é constituído o sujeito-governo que prega o avanço como uma estratégia partidária para as eleições de 2018?

A formulação, “No fundo, você sabe que melhorou” abaixo do #AVANÇAMOS produz equivocidade (própria da linguagem) em relação ao significado de avançar, pois se a afirmativa é feita, a expressão “no fundo” põe em funcionamento sentidos de dúvidas ou

até mesmo de descrédito (efeito de antecipação), pois se o interlocutor tivesse certeza que avançamos, não havia necessidade de dizer que “no fundo, você sabe que melhorou”.

O avanço apela à memória da melhoria, deslizamento produzido ao dizer que #AVANÇAMOS, e que “você sabe que melhorou”. Para tanto, num movimento parafrástico, digo de outra forma (outra forma, mas não a mesma coisa) o enunciado em análise:

- (1) #AVANÇAMOS. No fundo, você sabe que melhorou
- (2) #AVANÇAMOS. Você sabe que melhorou
- (3) #AVANÇAMOS. Será que melhorou?
- (4) #AVANÇAMOS? O que melhorou?

Do enunciado “AVANÇAMOS. No fundo, você sabe que melhorou para a paráfrase “#AVANÇAMOS. Você sabe que melhorou”, a expressão “No fundo” é apagada, desta forma produzindo sentidos de obviedade, pois se avançamos, sabemos que melhorou. O pronome de tratamento “Você” produz equivocidade e sentidos de desconfiança àquele que possivelmente sabe que algo melhorou. É interessante lembrar que as condições de produção deste enunciado, primeiro (#AVANÇAMOS. No fundo, você sabe que melhorou) são desfavoráveis ao governo atual – presidido por Michel Temer – em que a divisão da sociedade entre pró-Lula e contra-Lula macula a imagem do atual governo, logo a necessidade de dizer #AVANÇAMOS, a tentativa de silenciar a possibilidade de retroação, ou admitir o caos é produzida, sendo asseverada pela segunda frase da mesma formulação – “No fundo, você sabe que melhorou” - sentidos em fuga, não dito gritando na contradição, na discordância.

No entanto, dizer que “#AVANÇAMOS. Você sabe que melhorou”, produz efeito de minimização da contradição produzida pelo “#AVANÇAMOS”, pois, excluindo o “No fundo”, imagina-se que não há nada de contradito (ilusão), nada que possa ser revelado às escondidas, afinal “Você sabe que melhorou”.

Deslizo a formulação “#AVANÇAMOS. Você sabe que melhorou” para “#AVANÇAMOS. Será que melhorou?”, interrogação (?) que produz sentidos de dúvida, prerrogativa daquele que desconfia do avanço a ponto de levantar questionamentos. Diferente da primeira e da segunda formulação em que identificamos a posição-sujeito governo (#AVANÇAMOS. No fundo, você sabe que melhorou; #AVANÇAMOS. Você sabe que melhorou), na terceira formulação, esta que estamos analisando, o sujeito produzido é o povo, é ele que questiona se de fato houve melhorias e avanços, dada a condição da greve dos caminhoneiros produzindo discursos de insatisfação, de revolta.

Ainda no sítio discursivo do dizer anterior (3) (trabalhador indignado), o dizer próximo (4) ainda questiona este avanço, inclusive produzindo efeitos de ironia: “#AVANÇAMOS? O que melhorou?” Brasileiros questionando tal avanço e tais melhorias, interrogação (?) funcionando como protesto, discurso de resistência que toma corpo de pergunta irônica, sentidos de indignação e desaprovação (#AVANÇAMOS. Será que melhorou?).

Todavia, compreendemos que a relação de insatisfação, revolta, resistência presentes nas greves se dá aqui de um outro modo, se produz na tensão entre povo e governo e não entre

empregado e patrão. Fazendo uso da colocação de Orlandi (2006, p. 28), “o que nos chama a atenção é que não é a palavra ‘povo’ como tal que é enunciada, mas cria-se o que eu chamaria de situações discursivas em que ela é evocada”. O povo brasileiro que se constitui enquanto caminhoneiro resiste “parando”, “movimento – junção de pessoas defendendo uma causa”, “movimento – transformação social que busca sair da inércia”, “movimento – tráfego de caminhões abastecendo a economia brasileira”.

NO EFEITO DE FECHO

O que mais me encanta na linguagem é o que sobra, o que a língua não dá conta, o que resta, o que escapa, o equívoco produzindo sentidos. Perceber a opacidade fazendo sentido, a não linearidade produzindo evidências ao mesmo que produz derivas; um outro dito significando o mesmo e vice-versa. Este trabalho significado como científico, não busca a cientificidade na estagnação, mas sim no movimento, não num ser incorrupto, mas na possibilidade de ser sempre outra coisa; trabalho discursivo que constitui e é constituído por paráfrases e polissemias, o mesmo e o diferente significando, produzindo efeitos de sentido.

Pensar na “Greve dos caminhoneiros” na perspectiva discursiva é compreender a complexidade de funcionamentos que constituem esse acontecimento. Dualidade observada nas análises empreendidas neste texto, de um lado o povo que protesta a partir dos caminhoneiros, de outro lado o governo que se configura como patrão, reverberando a memória do que vem a ser greve e do que vem a ser relação de trabalho.

O sujeito à margem toma o centro a ponto de paralisar o país, movimento que produz paradas, inércia que irrompe a significação da greve, relação entre povo e governo representada pelos caminhoneiros, empregado e patrão, (re)significado pela minoria (caminhoneiros) que toma corpo e afronta a minoria política, que representa o governo – minoria que toma a decisão da maioria (povo).

Paralisação se inscrevendo como movimento, e esse último deslizando para greve – memória da luta dos trabalhadores retornando no século XXI – novos tempos, novos funcionamentos, produção de evidências posicionando como certeza, sentidos em movimento. Movimento que tira o/do centro ao mesmo tempo que traz ao centro. Mas que centro?

REFERENCIAS

- ACRE NOTÍCIAS. Paralisação dos caminhoneiros continua mesmo após acordo. **Editorial do Acrenotícias**, 26 mai. 2018. Disponível em <http://www.acre.com.br/paralisacao-dos-caminhoneiros-continua-mesmo-apos-acordo-e-governo-mobiliza-forcas-armadas/>. Acesso em 2 jun. 2018.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O povo no dicionário e no jornal: relações de sentido. Em: SILVA, S.M. Schreiber da (Orga.). **Sentidos do povo**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BRASIL. **Portal do Governo do Brasil**. 2018. Disponível em www.brasil.gov.br. Acesso em 28 maio 2018.

- CALEGARI, L. Por que o Brasil não investe em ferrovias? E por que deveria investir. **Exame**, 25 mai. 2018. Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/por-que-o-brasil-nao-investe-em-ferrovias-e-por-que-deveria-investir/>. Acesso em 10 jun. 2018.
- CALEGARI, L. O que a experiência dos EUA pode ensinar ao Brasil sobre ferrovias. **Exame**, 4 mai. 2018. Disponível em <https://exame.abril.com.br/economia/o-que-a-experiencia-dos-eua-pode-ensinar-ao-brasil-sobre-ferrovias/>. Acesso em 10 jun. 2018.
- CALEGARI, L. Por que o Brasil para quando os caminhoneiros fazem greve. **Exame**, 27 maio 2018. Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/por-que-o-brasil-para-quando-os-caminhoneiros-fazem-greve/>. Acesso em 18 jun. 2018.
- CARROZZA, Guilherme. **Consumo, publicidade e língua**. Campinas: Editora RG, 2011.
- COLOMBAROLLI, M.T. O impacto da logística rodoviária e ferroviária na economia do Brasil. **JusBrasil**, 2016. Disponível em <https://mariecolombarolli.jusbrasil.com.br/artigos/343467087/o-impacto-da-logistica-rodoviaria-e-ferroviaria-na-economia-do-brasil>. Acesso em 28 mai. 2018.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE. Modal rodoviário. 2018. Disponível em <http://www.cnt.org.br/modal/modal-rodoviario-cnt>. Acesso em 2 jun. 2018.
- GOY, Leonardo. Subsídio a diesel até fim do ano daria para construir mil km de ferrovias. **Exame**, 30 maio 2018. Disponível em <https://exame.abril.com.br/economia/subsidio-a-diesel-ate-fim-do-ano-daria-para-construir-mil-km-de-ferrovias/>. Acesso em 18 jun. 2018.
- INDURSKY, F. Práticas de Linguagem no jogo entre desmemória e resgate da memória. Em: KARIM, T.M. *et. al.* (Orgs.). **Língua(gem), sujeito e memória**. Campinas, Pontes, 2016.
- INDURSKY, Freda. Que povo é esse? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 101-114, jan./jun. 1995.
- JORNAL ESTADO DE MINAS. Em meio a protesto, Petrobras anuncia novo aumento para o diesel e a gasolina. **Da Redação**, 21 mai. 2018. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/05/21/internas_economia,960319/petrobras-anuncia-novo-aumento-para-o-diesel-e-a-gasolina.shtml. Acesso em 2 jun. 2018.
- LOPES, M.R. Brasil não aprendeu nada com a greve dos caminhoneiros de 19 anos atrás. **Veja**, 31 maio 2018. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reveja/brasil-nao-aprendeu-nada-com-a-greve-dos-caminhoneiros-de-19-anos-atras/>. Acesso em 18 jun. 2018.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2018. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/povo/>. Acesso em 02 jun. 2018.
- MIOTELLO, V. Povo enquanto palavra: construção de uma identidade. Em: SILVA, Soeli Maria Schreiber da (Orga.). **Sentidos do povo**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- ORLANDI, E.P. **Eu, Tu, Ele: Discurso e real da história**. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12ª. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E.P. A noção de “povo” que se constitui em diferentes discursividades. Em: SILVA, Soeli Maria Schreiber da (Orga.). **Sentidos do povo**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- SARGENTINI, V.M.O. Identidade do trabalhador no imaginário do povo. Em: SILVA, Soeli Maria Schreiber da (Orga.). **Sentidos do povo**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. 5ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- VIANA, M.T. Da greve ao boicote: os vários significados e as novas possibilidades das lutas operárias. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, B. Horizonte, 50, 23-264, jan./jul. 2007.

Artigo recebido em: jan. de 2019.
Aprovado e revisado em: jul. de 2019.
Publicado em: dezembro de 2019.

Para citar este texto:

PEREIRA, Diego Henrique. Paralisação e movimento(s): sentidos de greve no Brasil em maio de 2018. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 19, p. 19-34, jul. - dez. 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol19pagina19a34>